

NOVAS FRONTEIRAS

A soja impulsiona a qualidade de vida em várias regiões do país

Estatísticas consolidadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, relativas à produção agropecuária brasileira, indicam que as cidades que mais produzem soja no país vêm obtendo maior Índice de Desenvolvimento Humano, IDH.

Ao longo dos anos 90, enquanto os campos do Centro-Oeste e do Nordeste abriam espaço para a soja, as populações das regiões produtoras começavam a viver uma transformação socioeconômica captada em números divulgados pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no final de 2004.

A consolidação das estatísticas da produção agropecuária brasileira por municípios, efetuada em 2003, mostrou que das 20 cidades que mais produziram soja no país, 19 tinham em 2000 (ano do último Censo populacional) Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) maior do que a média nacional (0,772), mesmo com taxas de crescimento populacional superiores à brasileira no período que começou em 1991, ano do Censo anterior. "Observamos que uma das razões desse aumento da população foi a migração das famílias dos agricultores e a conseqüente concentração de pessoas em busca de em-

pregos nos municípios produtores", explica Carlos Alberto Lauria, coordenador de Agropecuária do IBGE. Os analistas do instituto interpretaram os números como uma indicação de que a cultura da soja trouxe desenvolvimento àquelas regiões.

SORRISO NA LIDERANÇA

O IDH foi criado pela Organização das Nações Unidas para medir o bem-estar das populações por meio de estatísticas que registram os níveis de renda, educação e expectativa de vida. A escala vai de zero a um. O município de Sorriso (MT), um dos maiores produtores de soja do país, com 1,6 milhão de toneladas colhidas em 2003, registrou, no ano 2000, o melhor IDH entre os grandes municípios produtores: 0,824. Em 1991, Sorriso e Sapezal, também no Mato Grosso, ficaram em segundo lugar, ambos com 0,742, perdendo para Lucas do Rio Verde (GO), que obteve IDH 0,762. Barreiras, na Bahia, foi

o município que apresentou a maior evolução do nível de bem-estar em relação a 1991: seu IDH evoluiu de 0,489 para 0,610. Porém, entre os 20 municípios relacionados, ficou em último lugar.

Nestes exemplos, a comparação com o crescimento populacional feita pelos analistas do IBGE torna evidente a diferença a favor dos cinturões da soja: ao mesmo tempo em que a população brasileira aumentou anualmente à média de 1,64% entre 1991 e 2000, a população de Sapezal cresceu a uma média anual de 21,51% e a de Sorriso teve um crescimento de 9,94%.

Os números do IBGE confirmam e retratam a nova geografia dos campos brasileiros, traçada graças a migração da soja para o cerrado nos últimos 14 anos. Dos 20 municípios que mais produziram soja em 2003, 18 são da região Centro-Oeste – 12 do Mato Grosso, quatro do Mato Grosso do Sul e dois de Goiás.



FARTURA NO CENTRO-OESTE

Das 51,9 milhões de toneladas de soja colhidas em 2003 (número apurado e trabalhado na pesquisa do IBGE) no Brasil, o Centro-Oeste foi responsável por 45,3% (23,5 milhões) da produção. Coube à região Sul 41%, ou 21,3 milhões de toneladas. O milho, segundo colocado no ranking dos grãos, com 48,3 milhões de toneladas em 2003, predomina no Sul, que respondeu por metade da produção. Segundo Carlos Alberto Lauria, do IBGE, é intenção do instituto realizar estudos semelhantes com outras culturas representativas do agronegócio brasileiro.





As lavouras paulistas querem retomar o branco do algodão. Levantamento da Cia. Nacional de Abastecimento, realizado no final de 2004, indica que a área plantada em São Paulo na safra 2004/2005 será de **78,3 mil hectares**, que representam expansão de 30% em relação a temporada anterior.



O Ministério da Agricultura estima que, este ano, o Brasil estará exportando cerca de 5 mil toneladas de **mangos para o Japão**. Com a abertura do mercado japonês, os produtores brasileiros vêem com entusiasmo a perspectiva de entrar em outros países asiáticos, como a China.



SEU CONSULTOR

FLÁVIO GUANAES BONINI

Engenheiro Agrônomo

Ouro Verde, Bunge Fertilizantes

Produzir pasto requer tanta dedicação quanto produzir grãos



De acordo com os dados da Pesquisa Pecuária Municipal (censo da produção agropecuária brasileira, conduzido pelo IBGE), em 2003 havia no Brasil cerca de 195,5 milhões de cabeças de bovinos, ocupando área aproximada de 180 milhões de hectares. Os dados indicam que a taxa média de lotação é pouco maior que uma cabeça por ha. Considerando que o país possui condições climáticas favoráveis para o cultivo de espécies forrageiras, este número torna-se, até certo ponto, desanimador.

O Brasil exportou, de janeiro a dezembro de 2004, 1,9 milhão de toneladas de carne bovina, mantendo-se como maior exportador mundial. Com base nesta informação, observa-se que a adubação na intensificação do sistema de produção de carne a pasto é um caminho não

apenas ecologicamente correto, mas economicamente viável, pois os mercados são crescentes e as áreas agricultáveis cada vez mais escassas.

MUDANÇA DE ENFOQUE

Produzir carne ou leite é ação vinculada à manutenção de pastos de qualidade, diretamente associada à fertilidade do solo. As plantas forrageiras necessitam de água, luz, nutrientes etc, como qualquer cultura, e também sofrem com a ação de agentes externos (pragas, doenças, manejo). Tratando bem do pasto, você estará tratando bem do seu rebanho.

INVESTIMENTO NÃO É CUSTO

Investimento vira custo quando não traz retorno. E isso ocorre quando a adubação de pastagens é mal feita. O acompa-

nhamento técnico da adubação traz, juntamente com a experiência e o conhecimento do produtor de sua propriedade, a base teórica para a tomada de decisão sobre o que fazer e como fazer. E os resultados da adubação vão surgir em médio prazo, traduzidos em arrobas ou litros de leite produzidos por hectare.

Utilizar gramíneas forrageiras é uma forma de agregar grandes quantidades de massa vegetal, diminuir a incidência de pragas e doenças e possibilitar, em um sistema de rotação de culturas, uma atividade que remunere o capital e recupere ou mantenha as boas condições do solo. A integração lavoura-pecuária é um produto que atende não só ao pecuarista, mas também ao agricultor que vê na pecuária um componente para a diversificação do negócio.

► Como tornar a pastagem parte do processo produtivo na agricultura

- ▮ Avaliar o histórico da produção, o objetivo a ser alcançado (@-ha-ano, litros-ha-ano) e os fatores de produção necessários (insumos, estrutura, maquinários, assessoria).
- ▮ Nas áreas da propriedade, eleger aquelas com maior aptidão e que se encontram em melhor estado. Nestas últimas, os investimentos são menores e os resultados obtidos com o manejo adequado possibilitarão a expansão para áreas que se encontram em pior situação.
- ▮ Eliminação de plantas invasoras e cupins.
- ▮ Piqueteamento: a divisão das áreas possibilita melhorias consideráveis nas práticas de manejo adotadas, por tornar o gerenciamento mais eficiente, focado nas necessidades do piquete.
- ▮ Avaliação da fertilidade do solo: pode ser feita de maneira geral para glebas homogêneas e, quando for possível a execução, detalhada por piquetes.
- ▮ Manejo de solo e operações mecânicas: avaliar se a área precisa ser reformada (novo plantio) ou recuperada (insumos em superfície).
- ▮ Escolha das espécies forrageiras: deve ser feita com base no tipo de manejo a ser adotado, principalmente no tocante à lotação (@/ha) e ao capital disponível para adubação. Forrageiras como, por exemplo, a *Brachiaria decumbens* ou a *Andropogon gayanus* são menos exigentes com relação à fertilidade do solo, porém, apresentam baixa produção de matéria seca em manejos extensivos.



A Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, **Ceagesp**, fechou 2004 com receita de **R\$ 85 milhões**, que representam elevação de 14% frente aos números contabilizados em 2003. Para o ano que começa, as expectativas são otimistas, apontando para um aumento de 20% nos níveis de receita.

Estão abertas as inscrições para o **IV Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil**, promovido pelo Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café, coordenado pela Embrapa e que tem como parceiros o Instituto Agrônômico do Paraná e o governo daquele Estado. O evento será realizado de 2 a 5 de maio. Informações: www.embrapa.br/cafe/consorcio/simpósio.

O SUCESSO É VOCÊ

JOÃO CARLOS PESSATTO

A crença no campo deve ser diariamente cultivada

Essa é a filosofia adotada pelo agricultor João Carlos Pessatto, que faz da busca incessante de novas soluções e tecnologias um dos ingredientes essenciais da sua receita de sucesso.



A busca por desafios é motor da vida do produtor rural João Carlos Pessatto, 51 anos. Em 1981, recém-formado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ele saiu de Porto Alegre e mudou-se para a pequena Maracaju, no Mato Grosso do Sul. O município tinha apenas 13,6 mil habitantes. Agora, são 27 mil. Na bagagem, João Carlos levava a intimidade com a terra, herdada do pai, também agricultor, e a vontade de transformar em realidade sua aspiração de ser um grande produtor de grãos.

Hoje, João Carlos possui propriedades onde cultiva soja, milho e trigo, utilizando técnicas de plantio e maquinários modernos que garantem a alta produtividade das lavouras. Ele afirma: "Essas inovações ajudam a fazer com que a agricultura desempenhe seu papel de gerar alimentos de forma mais eficiente. É só pensar que no Brasil, há trinta anos, se produzia, em média, 30 sacas de

soja por hectare, e, agora, busca-se as 60 sacas". Aliás, fazer parte da geração de agricultores que alavancaram a agricultura brasileira é um dos maiores orgulhos de Pessatto.

Mesmo tendo conquistado sucesso em muitos dos objetivos idealizados na juventude, ele afirma que há ainda muitos desafios a vencer. "A agricultura é uma atividade na qual o tempo todo surgem situações novas, que precisam ser superadas. E, falando com sinceridade, esse é um dos aspectos que mais me satisfazem nesse trabalho", diz. As armas para encarar um cotidiano tão estimulante? "Otimismo, garra e determinação", revela.

ADUBANDO O FUTURO

Na opinião de Pessatto, quem quiser ter êxito como agricultor tem que manter uma postura de abertura, dispondo-se a experimentar e buscar novas tecnologias. Precisa ainda estar consciente de que mais importante que o preço pelo qual será vendida a produção é a função dessa atividade: no entender dele, produzir alimentos a custos baixos. "Estabelecer parcerias com empresas sérias e comprometidas com a agricultura, caso da Bunge, com quem mantemos uma relação de extrema confiança, também é essencial. Nenhum produtor consegue trabalhar e muito menos ter sucesso sozinho."

ATUALIZE-SE

A hora e a vez do MILHO



PULSAR/IMAGENS/DELFIM MARTINS

Em entrevista ao jornal *Valor Econômico*, o Presidente Mundial da Bunge, Alberto Weisser, declarou que o Brasil deve ampliar as atenções reservadas às exportações de milho. Segundo Weisser, a demanda externa por milho vem crescendo 3% ao ano, enquanto o aumento anual da oferta tem sido da ordem de 1,5%. Europa, Estados Unidos, Índia e China não têm como expandir de maneira significativa suas áreas agricultáveis. Portanto, grande parte do crescimento da produção de milho poderá vir do Brasil.





TEM FESTA, FEIRA
E EXPOSIÇÃO NA CIDADE

Expodireto Cotrijal 2005 Não-Me-Toque (RS) - 7 a 11 de março
Feicana 2005 Araçatuba (SP) - 8 a 10 de março
Feicon 2005 São Paulo (SP) - 17 a 20 de março
Enflor 2005 Holambra (SP) - 20 a 22 de março
Agrishow Comigo 2005 Rio Verde (GO) - 5 a 10 de abril

NOVAS FRONTEIRAS



A história do Manga-Larga, o cavalo de sela brasileiro

Com a denominação Manga-Larga, tornou-se famosa uma população equina, originária do sul de Minas Gerais na primeira década do século 19. Posteriormente, membros da família Junqueira, responsável por essa criação, chegaram ao Estado de São Paulo, trazendo suas montarias. A famosa raça de eqüinos logo contagiou os paulistas, que a adotaram e disseminaram por todo o Estado e para regiões vizinhas.

Traçar um histórico da raça Manga-Larga equivale a contar a história da família Junqueira. Foi ela a forjadora da raça. O início da seleção do Manga-Larga ocorreu em 1812, na fazenda Campo Alegre, em Baependi, hoje município de Cruzília, onde o Barão de Alfenas instalou-se. Consta, ainda que, nesta data, teria o Barão recebido de presente do Príncipe Regente, D. João VI, um cavalo Alter, que passou a usar como garanhão. Os animais oriundos desses acasalamentos são os formadores da raça.

Do cruzamento desses garanhões com éguas nacionais, pertencentes à família Junqueira, formou-se um novo tipo de cavalo, conhecido principalmente pela elegância do seu andar. "Este é mesmo de 'mangas-lar-



ACER

gas!", teria exclamado D. Pedro I, referindo-se à amplitude das passadas do garanhão mineiro recém-chegado à metrópole. "Mangalarga" seria ainda o nome de um raçador do plantel do Barão de Alfenas, ou ainda de uma fazenda, no Rio de Janeiro, para onde foram transferidos alguns animais vindos do sul de Minas. De uma dessas três hipóteses, ou das três juntas, vem a origem do nome da raça.

Com a mudança da família Junqueira para São Paulo, começou a ser manifestada a preferência por um tipo de cavalo diferente do encontrado em Minas: mais ágil, para lidar com a criação de gado de corte e para se locomover na plana topografia paulista. Para isso, foi usado o sangue de cavalos árabes, ingleses e anglonormandos. Tais cruzamentos conferiram maior talhe e robustez ao ramo paulista da raça. Contudo, a mudança principal ocorreu no seu andar, intermediário entre a marcha e o trote. A par-

tir daí, surgem duas raças: o Manga-Larga e seu "irmão" mineiro, o Manga-Larga Marchador.

UMA ASSOCIAÇÃO CRIADA PARA CONCENTRAR ENERGIAS

Desde sua introdução em terras bandeirantes, até a fundação da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Manga-Larga, ABCCRM, cada criador se deixava orientar por seus próprios critérios, agindo isoladamente, dispersando energias. Em 1928, o profissional da área de Zootecnia, Paulo de Lima Corrêa, a partir de um estudo profundo, lançou as bases da caracterização do cavalo Manga-Larga. Entusiasmado com a dedicação do técnico, dois criadores paulistas, Celso Torquato Junqueira e Renato Junqueira Neto, reuniram um grupo de criadores com a finalidade de definir os critérios a serem usados na sua seleção. A eles foram se unindo mais criadores que, em setembro de 1934, fundaram a ABCCRM.

"A ABCCRM vem marcando sua trajetória pela promoção de eventos voltados à integração crescentes dos mangalarguistas e pela difusão da raça e de suas características", relata Guilherme Pires de Camargo, colaborador da Bunge, criador e associado da ABCCRM.

Mais informações:
www.cavalomangalarga.com.br.

BUNGE EM AÇÃO

A Bunge Alimentos comprou a primeira soja da colheita

A Bunge Alimentos, mais uma vez, foi a primeira empresa a comprar e receber a soja da atual safra. Foram colhidas 270 toneladas da propriedade dos irmãos Joci e Hilário Piccinni, parceiros da Bunge há muitos anos. Os grãos foram entregues na filial de armazenagem da Bunge em Lucas do Rio Verde, cidade do norte do Mato Grosso e um dos principais pólos produtores de soja do Brasil. Segundo a área de Originação da Bunge, foram colhidos 100% da produção e não foram encontrados vestígios de ferrugem asiática ou de qualquer outra doença que pudesse comprometer a qualidade do produto. A produtividade foi de 53 sacas por hectare.

Nova refinaria de soja e de algodão

A Bunge poderá investir R\$ 232 milhões na construção de uma refinaria multióleos na cidade de Rondonópolis (MT). A unidade está sendo projetada de forma a esmagar mil toneladas por dia.

A capacidade anual de envase pode chegar a 24 milhões de embalagens PET.



BUNGE no campo

Uma publicação da Bunge dirigida aos produtores rurais.
Av. Maria Coelho Aguiar, 215 - Bl D - 5º andar - São Paulo - SP CEP 05804-900 Projeto e coordenação: Diretoria de Comunicação Corporativa Bunge Brasil
Supervisão: Valdecir Roberto da Silva

Criação e edição: Luc Comunicação Integrada (11) 5044-6099
Edição: Sonia Cocuio Reportagens e textos: Graziela Silva, Sérgio Maia Direção de arte e Ilustrações: Rodrigo Cadorniga Sistema e preparação de imagens: Daniel T. Fotolitos: PostScript Impressão: Landgraf Tiragem: 22.000 exemplares